

**IV PROJETAR 2009**  
PROJETO COMO INVESTIGAÇÃO: ENSINO, PESQUISA E PRÁTICA  
FAU-UPM SÃO PAULO BRASIL  
OUTUBRO 2009

EIXO: SITUAÇÃO  
**TÍTULO: O PROJETO COMO QUESTÃO E TAREFA**

AUTOR 1: LIZETE MARIA RUBANO  
PROFA. DRA. FAU-UPM  
[lmrubano@superig.com.br](mailto:lmrubano@superig.com.br)

AUTOR 2: IGOR GUATELLI  
PROF. DR. FAU-UPM  
[igorquat@uol.com.br](mailto:igorquat@uol.com.br)

AUTOR 3: LUCAS FEHR  
PROF. DOUTORANDO FAU –UPM  
[lucasfehr@uol.com.br](mailto:lucasfehr@uol.com.br)

AUTOR 4: MARIA ISABEL VILLAC  
PROFA. DRA. FAU –UPM  
[belvillac@mackenzie.com.br](mailto:belvillac@mackenzie.com.br)

AUTOR 5: MARIO FIGUEROA  
PROF. DR. FAU-UPM  
[mfigueroa@uol.com.br](mailto:mfigueroa@uol.com.br)

AUTOR 6: MARCELO BARBOSA  
PROF. DOUTORANDO FAU –UPM  
[mconsiglio@hotmail.com](mailto:mconsiglio@hotmail.com)

## **O PROJETO COMO QUESTÃO E TAREFA**

### **RESUMO**

Dadas as alterações estruturais -forma de produzir a vida material, nova organização do capital internacional, "revolução" da informação, novas condições colocadas ao público/privado e às associações tempo/espaço -, quais seriam as condições possíveis ao projeto urbano e arquitetônico , considerando pensamento e prática? Quais as possíveis reflexões que têm contabilizado essas temáticas? E quais propostas têm representado exercícios no sentido de se reencontrar (ou criar) oportunidades efetivas - com real significado e valor - de projeto? Ou seja, como o projeto tem sido um instrumento de reflexão e ação no mundo contemporâneo?

**PALAVRAS CHAVE:** projeto, instrumento, reflexão

**EIXO:** SITUAÇÃO

## **THE PROJECT AS A MATTER AND TASK**

### **ABSTRACT**

Given the structural changes - how to produce material life, new international capital organization, the information "revolution", new conditions to the private/public relationship and to the time/space associations -, what conditions are possible to urban and architectural project, considering thoughts and practice? What possible reflections that have counted these thematic? And which proposals are represented exercises to rediscover (or create) effective opportunities with real meaning and project value? Or, how has been the project an instrument of reflection and action in the contemporary world?

**KEYWORDS:** project, instrument, reflection

**AXIS:** SITUATION

## **EL PROYECTO COMO REFLEXIÓN E TAREA**

### **RESUMEN**

¿Considerando los cambios estructurales – forma de producir la vida material, nueva organización del capital internacional, “revolución” de la información, nuevas condiciones puestas al público/privado y a las asociaciones entre tiempo/espacio, cuáles serían las condiciones posibles al proyecto urbano y arquitectónico, en vista del pensamiento y de la acción? ¿Cuáles las reflexiones posibles que participan de éstas disciplinas? ¿Qué propuestas han representado una acción en la dirección de si reencontrar (o crear) oportunidad - con verdadero significado y valor - al proyecto? Es decir ¿Cómo el proyecto ha sido un instrumento de la reflexión y acción en el mundo contemporáneo?

**PALABRAS-LLAVE:** proyecto, instrumento, reflexión

**EJE:** SITUACIÓN

## O PROJETO COMO QUESTÃO E TAREFA

Dadas as alterações estruturais- forma de produzir a vida material, nova organização do capital internacional, "revolução" da informação, novas condições colocadas ao público/privado e às associações tempo/espaço-, quais seriam as condições possíveis ao projeto urbano e arquitetônico, considerando pensamento e prática? Quais as possíveis reflexões que têm contabilizado essas temáticas? E quais propostas têm representado exercícios no sentido de se reencontrar (ou criar) oportunidades efetivas - com real significado e valor - de projeto? Ou seja, como o projeto tem sido um instrumento de reflexão e ação no mundo contemporâneo?

Essa não é uma questão inédita, a de se colocar criticamente frente aos "novos problemas" a partir do reconhecimento de que "velhos conceitos" talvez não sejam suficientes ao enfrentamento de condições que se transformaram.

Esse é um dos assuntos inaugurais na Introdução do volume 1 de "Modern Architecture" (Arquitetura Moderna), fruto de investigações e discussões de Manfredo Tafuri e Francesco Dal Co em 1971, publicado em 1976, pela editora Harry N. Abrams Inc. Publishers:

Nosso interesse está, especialmente, em seguir as modalidades específicas da mudança da tradicional divisão social do trabalho. Naquela reversão revolucionária e redistribuição de papéis, a arquitetura - no passado, mas também atualmente - tem experimentado um vasto número de idéias de todo tipo enquanto permanece precariamente equilibrada na instável ponte que conecta **velhas concepções com novas tarefas. (...).**

O reino da história é, por natureza, dialético. É aquela dialética que nós temos tentado reconhecer e que tem nos mostrado que não poderíamos encobrir os conflitos que surgem hoje novamente tais **como o papel que a arquitetura poderia ou deveria ter. (...)**

O que está envolvida é uma reestruturação do trabalho intelectual como uma gestação comunicativa de "objetos"- os edifícios construídos - tendendo a desaparecer enquanto uma nova importância é assumida pela organização da esfera de produção e pelo controle e administração do complexo urbano. (TAFURI e DAL CO (1976): p.7, destaques nossos).

A discussão do papel do projeto, enquanto formulação intelectual e ação no território, é apresentada pelos autores da Escola de Veneza como tema de

fundamental importância quando do resgate, para análise crítica, da arquitetura moderna: uma arquitetura que, segundo os autores, situou-se entre a perda da identidade - nos séculos XVIII e XIX - e a tentativa de recuperar aquela identidade perdida a partir de "novas bases e com uma maior modificação na estrutura organizacional do trabalho intelectual envolvido na construção do ambiente humano." <sup>1</sup>

Qual o papel que a arquitetura deveria ou poderia ter?

Essa questão está presente boa parte do tempo na conformação da crítica de Tafuri, sempre interessado em entender o trabalho intelectual e as "traduções" ou as novas "tarefas" colocadas à disciplina, aos arquitetos, quando da reorganização produtiva.

Em outro momento, em "Projecto e Utopia" (Lisboa: Presença, 1985), Tafuri aponta o quanto uma das experiências mais importantes da modernidade não teria, de fato, enfrentado a cidade:

A Frankfurt planificada de Ernst May, a Berlim administrativa de Martin Wagner, a Hamburgo de Fritz Shumacher, a Amsterdã de Cor Van Eesteren, são os capítulos mais importantes da história da gestão social-democrata da cidade. Mas lado a lado com o oásis de ordem das *siedlungen* - **verdadeiras utopias construídas, à margem de uma realidade urbana por elas bem pouco condicionada - as cidades históricas e os territórios produtivos continuam a acumular e a multiplicar as suas contradições. E são em grande parte contradições que bem depressa se revelarão mais decisivas dos instrumentos elaborados pela cultura arquitetônica numa tentativa de controlá-las.** (TAFURI (1985): p.74).

E é o mesmo autor quem vai apontar o quanto o plano, formulado inicialmente como uma hipótese de "compensação" às condições urbanas colocadas pela produção industrial, passa de ideologia à realidade:

A reestruturação da totalidade do espaço urbano e paisagístico corresponde à **exigência de racionalizar** a organização global da *máquina* citadina (TAFURI (1985): p.88, grifo do autor, destaque nosso).

Está confirmada a nossa hipótese inicial. A arquitetura como **Ideologia do Plano é subvertida pela realidade do plano**, uma vez que, superado o nível da utopia, este se torna

---

<sup>1</sup> TAFURI, Manfredo e DAL CO, Francesco. Modern Architecture. New York: Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1976, p.7

mecanismo operante (TAFURI (1985): p.92, grifo do autor, destaque nosso)

Do objeto isolado ao plano como mecanismo operante, a crítica de Tafuri estrutura-se no sentido da busca de possibilidades ao projeto, apontadas como mais significativas se colocadas a partir da dimensão real da cidade.

O reconhecimento da matriz urbana como condição que recoloca a ação de projeto, também é destaque de autores contemporâneos: aqueles que interpretam, como uma possibilidade renovada, a contribuição dos arquitetos que reformulam as hipóteses de leitura do mundo e do papel do projeto a partir da insatisfação e ou da aproximação apurada e estudiosa da condição urbana contemporânea.

Lars Lerup (reitor da Rice School, EUA) destaca essa característica de Koolhaas na apresentação da "conversa com os estudantes", que se deu na Faculdade de Arquitetura – Rice University School of Architecture - em janeiro de 1991:

Como fez anteriormente Manfredo Tafuri, Rem Koolhaas reconheceu que a arquitetura havia sido eclipsada pela metrópole. E ele o fez antes e mais claramente que qualquer outro arquiteto contemporâneo. Enquanto outros arquitetos deram-se por satisfeitos em ser meros decoradores da lógica comercial, **koolhaas segue sendo um dos últimos que se empenha em buscar novas possibilidades e lugares para a arquitetura.** (LERUP, Lars (2002): p.5 in Rem Koolhaas Conversaciones com Estudiantes, publicado originalmente em 1996, destaques nossos).

Esse reconhecimento parece ser bastante significativo, principalmente se retomarmos o período e a intensidade com que Koolhaas dedicou-se ao resgate, ao estudo do urbano.

A empreitada de Koolhaas pela metrópole americana – Nova Iorque – deu-se muitos anos antes da identificação dos processos urbanos estranhos à lógica ordenadora dos planos ou à previsível estrutura econômica, de produção e consumo a que as cidades (como Lagos, por exemplo), com seu "desenvolvimento" estariam atreladas, assunto que passou a ser fundamental nos ateliês em Harvard, anos mais tarde, coordenados por ele.

Estudar Manhattan, em 1978 <sup>2</sup>, representou uma aproximação metodológica diversa do fenômeno urbano: não era a cidade do plano, controlada pela ação normativa do Estado, a partir de pressupostos do bem-estar-social colocados pela modernidade. Era a cidade desenhada, estruturada e construída pelo que tinha de mais incontrolável e inaceitável (como pressuposto teórico à cidade), naquele

---

<sup>2</sup> KOOLHAAS, REM. Nova York delirante. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

momento: a iniciativa privada gerando cidade, tendo como referência a quadrícula, que se repetia indefinidamente.

O relato sobre a experiência americana, longe de enaltecer essa ação ou esses personagens, teve como substrato (e aí a contribuição metodológica) a identificação inteligente (com pressupostos até para uma possível ação) de como outros processos, que não os desejados, tradicionais ou controlados, poderiam se dar nas dinâmicas das cidades e de como poderiam desencadear outras possibilidades de ação, de território e de vida urbana.

Daí ao interesse pelas cidades chinesas ou por Lagos, uma das maiores metrópoles "anti-urbanas" do mundo, foi um passo <sup>3</sup>. Um passo largo no sentido de nos trazer à discussão o fato de que as dinâmicas dos aglomerados urbanos (lócus do pretense processo civilizatório), eram muito mais amplas e sem destino, portanto muito diferentes do que imaginávamos ou desejávamos.

Essa formulação atribuiria outros parâmetros à arquitetura: ou a ação pelo projeto reconhece essa turbulência e se coloca frente a ela, administrando sua capacidade de intervenção, mudança ou composição ou estaria fadada ao anacronismo mais indesejado. Como produção cultural e expressão de seu tempo, a arquitetura deveria rever suas perspectivas assertivas, formais, ordenadoras e finais: seria necessário rever suas questões e tarefas.

Por essa trilha caminham alguns arquitetos que observaram essa discussão atentamente e optaram por pensar o seu tempo, mesmo que a dificuldade disso fosse imensa e óbvia.

Quando Winy Maas (MVRDV) aponta a necessidade de reinterpretação do mundo no lugar de sua recriação <sup>4</sup> está se posicionando frontalmente contra a perspectiva de controle dos processos urbanos e, muito mais, levantando a urgência da leitura densa destes processos. Mais que julgá-los como inadequados, produzidos por uma "irracionalidade" desprezível, olhar para as formas de se viver, usar e "estruturar" a dimensão da cidade com perspectivas de viabilizá-las do melhor jeito e, também, as condições que possam garantir a persistência dessa dimensão.

Parece, portanto, que não seria o objeto isolado a enfrentar essa problemática.

---

<sup>3</sup> KOOLHAAS, REM e CLEIJNE, Edgar. Lagos: How it works. Londres: Lars Müller Publishers, 2007.

KOOLHAAS, Rem; BOERI, Stefano ; KWINTER, Sanford; OBRIST, Hans; TAZI, Nadia. Mutations. Barcelona: ACTAR, 2001.

<sup>4</sup> MVRDV. KM<sup>3</sup> Excursions on capacities. Barcelona: ACTAR, 2005.

MVRDV. FARMAX. Excursions on density. Roterdã: 010 Publishers, 2006.

MAAS, Winy. Five minutes city. Architecture and [im]mobility. Roterdã: Episode Publishers, 2002.



Estamos sofrendo da "fadiga do objeto" como consequência da diversidade de objetos competindo por nossa atenção, todos esses edifícios clamando por nos dizer alguma coisa. (...) a expressão do objeto individual tornou-se ridícula: num massivo "mar de raridades" o objeto individual simplesmente deixou de existir. Nesta massificação, arquitetura tornou-se sinônimo de urbanismo. (LOOTSMA, Bart (2003): p.35. What is (really) to be done? The theoretical concepts of MVRDV in Reading MVRDV).

Se o século XXI é urbano (51% da população do mundo morando em cidades) nada mais interessante que buscar formas que viabilizem esse processo, contabilizando diversidade e dificuldades presentes.

Dáí os temas das densidades, da geografia do lugar e do próprio território da cidade serem tão destacados e urgentes.

A tridimensionalidade pode ser vista como a condição fundamental para a existência da arquitetura em tempos de globalização e alargamentos de escala. Uma atualização parece necessária. M<sup>3</sup> tornam-se KM<sup>3</sup>. (MVRDV (2005): capa)

Os processos de periferação nas cidades sem plano ou de suburbanização planejada (as propostas anti-urbanas) não poderiam mais ocorrer da mesma forma e com o mesmo grau de descompromisso com o tempo.

Essa é a crítica que West 8 (escritório internacional de desenho urbano e arquitetura da paisagem fundado por Adriaan Geuze em 1987) faz publicamente em relação à ocupação do território urbano desencadeada a partir do VINEX (Vierde Nota op de Ruimtelijke Ordening Extra ou o Quarto Informe sobre Planificação Física nos Países Baixos que prevê – até 2.015 – a construção de cerca de um milhão e cem mil novas unidades habitacionais – referência AU(76):1998, p.36): se as cidades forem parceladas e ocupadas de forma extensiva, talvez a existência dessa estrutura (a cidade) se inviabilize definitivamente.

Por isso, exercícios teóricos são estimulados no sentido das dinâmicas das cidades, de seus temas e suas questões, tendo a possibilidade do projeto como perspectiva. Dessa forma, os dados da realidade podem ser considerados quase que cientificamente quando se pretende que sejam as condições dadas as referências fundadoras de uma ação projetual (aqui, reportamo-nos ao FUNCTIONMIXER, um software desenvolvido pelo MVRDV para se estabelecer uma relação direta entre os *datascape*s e as possibilidades de espacialização).

É claro que esse é um raciocínio possível, muito mais no sentido de uma ação comprometida com condições e questões reais (como atribuir forma, ou seja uma

resposta subjetiva às condições objetivas do mundo? <sup>5)</sup> do que com um raciocínio conclusivo e final.

Aqui, vale destacar o caráter especulativo e investigativo do projeto, muito mais que decisivo e final. Por isso são tão bem-vindos os workshops, como os do Instituto Berlage (Roterdã), por exemplo, que, a partir de questões de grande interesse, instigantes, latentes ou prementes da condição urbana, formulam-se possibilidades de ação – especulativa – pelo projeto <sup>6</sup>.

Se as características das cidades têm sido objetos de arquitetos e urbanistas, às condições de transformação da sociedade contemporânea têm se atido intelectuais das mais diferentes áreas. Essas leituras, análises e interpretações têm sido fundamentais à atividade do projeto, embora ainda em algumas circunstâncias e contextos específicos, haja muita resistência à incorporação dessas contribuições à disciplina. São trabalhos e autores que discutem a produção material do território (Fredric Jameson, David Harvey), a nova condição do tempo, dada pela dimensão virtual do mundo (Paul Virilio), as possibilidades de uma outra lógica de ação e apropriação (as máquinas de guerra de Deleuze e Guattari), entre outros tantos. Essas referências são tecidas num complexo e intenso pano de fundo que tem contribuído às análises mais específicas do urbano.

Saskia Sassen, por exemplo, aponta a importância potencial dos espaços deixados à margem das “lógicas organizativas utilitárias” <sup>7</sup> como possíveis áreas para a ação ou como áreas que adquirem um outro significado (talvez na contra mão do senso comum) no mundo urbano pós industrial. Ou seja, no mundo da velocidade, da quase sobreposição do tempo ao espaço, das trocas econômicas e culturais internacionais, das cidades nações, quais espaços podem, conseguem ou restam, porque desinteressantes às lógicas da produção e consumo, como potenciais a outras experiências, também possíveis, presentes, desejáveis ou perceptíveis no território urbano?

Na interlocução, Solà-Morales critica as “vedetes singulares” <sup>8</sup> da arquitetura contemporânea que se “apropriam” da cidade para benefício próprio, pouco compondo com ou retribuindo a esse mosaico conformado pela complexidade urbana.

---

<sup>5</sup> TAFURI, Manfredo. *Projecto e utopia*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

<sup>6</sup> Aqui, vale destacar o projeto desenvolvido pelo Instituto Berlage, laboratório de pós graduação em arquitetura. Roterdã, apresentado na 7ª. Bienal internacional de São Paulo: Complementando Brasília: uma alternativa de crescimento –bordas. Profs. Pier Vittorio Aureli e Martino Tattara.

<sup>7</sup> SASSEN, Saskia. Prólogo in SOLÁ-MORALES, Ignasi. *Territorios*. Barcelona: GG, 2002, p.8.

<sup>8</sup> SOLÁ-MORALES, Ignasi. *Territorios*. Barcelona: GG, 2002, p. 29.

Deseja-se usar o projeto como mecanismo operante às lógicas das políticas compensatórias e ao mecanismo da segregação ou seria possível reencontrar as tarefas do projeto que estejam indo de encontro às suas questões mais fundamentais?

Ainda conforme Saskia Sassen <sup>9</sup>, espaço público e cosmopolitanismo são elementos fundacionais de qualquer cidade. Mas precisamos nos perguntar, de que maneiras esse cosmopolitanismo está sendo construído? Povoam as grandes cidades mundiais, territórios financeiros, suportes do mundo do negócio, que nascem já sob a égide segregacionista e de privilégios em relação à cidade existente. Seria importante pensarmos o quão “globais” são de fato esses territórios exclusivistas e o papel que arquiteturas têm assumido no sentido apenas de dar uma identidade a esses territórios a-territoriais<sup>10</sup>, estrategicamente concebidos, desenhados, comemorados e validados como urbanidades desejáveis.

Políticas urbanas que têm a densidade, agregação e coesão sociais, a constituição de vizinhanças mais vibrantes e múltiplas, como pré-condições de urbanidades alternativas tornam-se, para nós, com-possibilidades indispensáveis à legitimação desses e todos territórios urbanos. Interdependentes, tais processos de urbanização de forma alguma dispensam e podem prescindir da Arquitetura como instrumento de construção, fortalecimento e consolidação de porosidade territorial, socialmente *inclusivista*.

*Inclusivista* em oposição às arquiteturas que conformam não mais que o edifício-tipo, suporte de um “investimento de maior liquidez” que realiza o espaço do negócio na cidade vista como “base hospedeira da lógica e da economia mundial”<sup>11</sup>, formulação que caracteriza boa parte do território urbano produzido em São Paulo, por exemplo. Quais seriam, então, as possibilidades de uma ação em outro sentido, no real sentido da cidade como locus do processo civilizatório e com dinâmicas compostas por manifestações de todo tipo, toda ordem, independentes, na maior parte das vezes de um projeto totalizador e utópico?

A partir do olhar atento dos laboratórios de pesquisa urbana voltados a algum trecho do mundo em que os processos de urbanização são o motivo da análise e da reflexão, cada qual com suas características e especificidades, têm-se demonstrado

---

<sup>9</sup> SASSEN, Saskia e ROOST, Frank. A cidade: local estratégico para a indústria global do entretenimento *in* Aliança e Competição entre Cidades. São Paulo: Espaço & Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos, ano XVII, 41, 2001

<sup>10</sup> termo usado por Francesc Muñoz em seu texto paisages banales: bienvenidos a la sociedad del espectáculo *in* SOLÀ-MORALES, Ignasi de y COSTA, Xavier. Metròpolis. Barcelona: GG, 2005

<sup>11</sup> FIX, Mariana. São Paulo cidade global. São Paulo: Boitempo, 2007.

que esses processos estão muito distantes de qualquer homogeneidade, regra, lógica, expectativa ou destino.

E também nos informa que, é pelos espaços muitas vezes de “representação negativa” que se dá uma ação – pela apropriação – que transforma e atribui sentido.

Para tanto ou, entretanto, ressalta-se a importância de uma tentativa (ação estratégica), ainda que em caráter heurístico, de se pensar sobre o outro do ser dos projetos analisados, mas sem deixar de pronunciar a anterioridade desses projetos, ou seja, sem abrir mão de um compromisso com a história desses projetos. Tornou-se nosso desafio, então, dizer para além do já dito sobre esses projetos a fim de provocar deslocamentos e des-dobramentos identitários e não simples substituições de entendimentos. Foi nossa intenção e desafio encontrar uma ética discursiva capaz de manter, ao mesmo tempo, uma injunção entre a ipseidade e alteridade dos projetos. Reside nessa estratégia de análise dos projetos a *radicalidade* de nossa ação; nem uma simples submissão aos pressupostos já previamente sabidos sobre eles [a doxa], um eco reduzido do comumente já dito ou sabido sobre eles, nem a simples substituição desses pressupostos por outros, talvez subjetivos, mais afeitos aos nossos objetivos, mas um *querer dizer sobre o dito e conhecido de outra forma*, ressemantizando-o e resignificando-o, sem destruí-lo; enfim, uma tentativa de se chegar *próximo* de um Outro dentro da própria estrutura dos projetos.

E, por estes tantos motivos, faz-se fundamental uma revisão das possibilidades e das formulações teóricas postas ao projeto de arquitetura e urbano hoje: busca-se a dimensão que ele pode ter como mecanismo de democratização da condição urbana ou de distribuição da riqueza produzida coletivamente. Ou ainda, como possibilidade de se atribuir outro significado a lugares de representação negativa. Ou ainda, como instrumento que ampara - com competência teórica e técnica - estruturas espaciais e apropriações que além de estarem “fora das lógicas produtivas da cidade” conformam máquinas-sociais ou uma experiência-usina <sup>12</sup>.

Uma experiência-usina temos encontrado em situações raras e momentos pontuais de nossa arquitetura e que nos insinua possíveis maneiras de se efetivar formulações e ações no campo do projeto, além de uma possível maneira de se continuar pela cidade.

---

<sup>12</sup> GUATTARI, Félix e DELEUZE, Gilles. Introdução: Rizoma. In Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006;

## **BIBLIOGRAFIA**

ARANTES, Otília. Urbanismo em fim de linha. São Paulo: Edusp, 2001;

ARANTES, Otília; MARICATO, Ermínia e VAINER, André. A cidade do pensamento único. Desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2000;

ARQUITETURA E URBANISMO. VINEX (Vierde Nota op de Ruimtelijke Ordening Extra ou o Quarto Informe sobre Planificação Física nos Países Baixos que prevê – até 2.015 – a construção de cerca de um milhão e cem mil novas unidades habitacionais. (76), 1998, 36;

BETSKY, Aaron et alii. Reading MVRDV. Roterdã: NAI Publishers, 2003;

DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976;

FIX, Mariana. São Paulo cidade global. São Paulo: Boitempo, 2007;

FOUCAULT, Michel. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, 2008;

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. V.1. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1980;

GUATTARI, Félix. Caosmose. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992;

GUATTARI, Félix e DELEUZE, Gilles. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006;

HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. Multidão. São Paulo: Editora Record, 2005;

HUET, Bernard. A cidade como espaço habitável. Alternativa à Carta de Atenas. Arquitetura e Urbanismo (9) 1986/87, 82.

HUYSEN, Andreas. Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000;

JAMESON, Fredric. Future city. New left review (21), Maio-Junho 2003;

KOOLHAAS, Rem. Cidade genérica. In Lo urbano em 20 autores contemporâneos. Angel Martin Ramos (ed.). Barcelona: Edições UPC e ETSAB, 2004 ;

KOOLHAAS, Rem. Nova York delirante. São Paulo: Cosac Naify, 2008;

KOOLHAAS, Rem, e CLEIJNE, Edgar. Lagos: How it works. Londres: Lars Müller Publishers, 2007;

KOOLHAAS, Rem; BOERI, Stefano ; KWINTER, Sanford; OBRIST, Hans; TAZI, Nadia. Mutations. Barcelona: ACTAR, 2001;

KOOLHAAS, Rem. Conversaciones com Estudiantes. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

MELLO FRANCO, Fernando de; MOREIRA, Marta e BRAGA, Milton. MMBB. Vazios de água. URBS (44), 2007, 48-53;

MUÑOZ, Francesc. Paisajes banales: bienvenidos a la sociedad del espectáculo. In *Metrópolis*. Ignasi de Solà-Morales e Xavier Costa (eds.). Barcelona: Gustavo Gili, 2005 ;

MVRDV. KM<sup>3</sup> Excursions on capacities. Barcelona: ACTAR, 2005;

MVRDV. FARMAX. Excursions on density. Roterdã: 010 Publishers, 2006;

MAAS, Winy. Five minutes city. Architecture and [im]mobility. Roterdã: Episode Publishers, 2002;

RIBEIRO, Renato Janine. A sociedade contra o social. São Paulo: Companhia das Letras, 2000;

SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. São Paulo: Nobel, 2002;

SASSEN, Saskia. La identidad en la ciudad global: encasillamientos económicos e culturales. In *Metrópolis*. Ignasi de Solà-Morales e Xavier Costa (eds.). Barcelona: Gustavo Gili, 2005;

SASSEN, Saskia e ROOST, Frank. A cidade: local estratégico para a indústria global do entretenimento *in* Aliança e Competição entre Cidades. Espaço & Debates, Revista de Estudos Regionais e Urbanos (41), 2001;

SCHWARZ, Roberto. As idéias fora do lugar. Da Introdução ao ensaio sobre Machado de Assis "Ao Vencedor As Batatas". São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977;

SOLÀ-MORALES, Ignasi de. Territórios. Barcelona: Gustavo Gili, 2002;

SOLÀ-MORALES, Ignasi de e COSTA, Xavier (eds.) *Metrópolis*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005;

TAFURI, Manfredo. Projecto e utopia. Lisboa: Editorial Presença, 1985;

TAFURI, Manfredo e DAL CO, Francesco. Modern Architecture. New York: Harry N. Abrams Inc. Publishers, 1976;

VIRILIO, Paul. O espaço crítico. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999;

WENDERS, Wim. A paisagem urbana. In *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (23), 1994.